

# Revista Nordestina de Zoologia

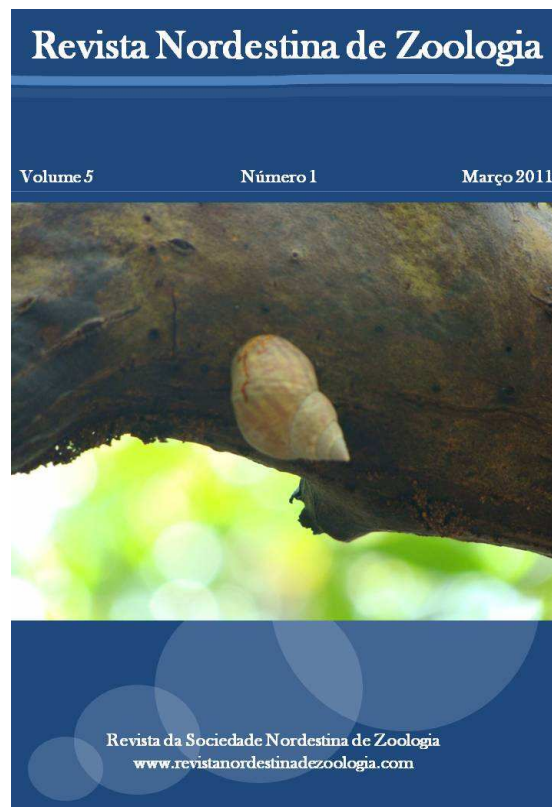
ISSN 1808-7663

Volume 5

Número 1

Ano 2011

---



Revista da Sociedade Nordestina de Zoologia

Revista Nordestina de Zoologia	Recife	V. 5	N. 1	P. 1 - 139	2011
--------------------------------	--------	------	------	------------	------

# O BICHO-PREGUIÇA (*Bradypus variegatus* Schinz, 1825; *Xenarthra*; *Bradypodidae*) NOS RELATOS E DESCRIÇÕES DOS CRONISTAS E NATURALISTAS DOS SÉCULOS XVI E XVII NO BRASIL

Argus Vasconcelos de Almeida<sup>1</sup>; Ana Isabele de Freitas Araújo<sup>2</sup>; Érica Patrícia de Lima<sup>2</sup>; Ozias Henrique dos Santos<sup>2</sup>; Gerlaine Amara da Silva<sup>2</sup>; Thiago Ferreira Soares<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professor Associado do Departamento de Biologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE. Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos CEP: 52171-900 - Recife/PE.

<sup>2</sup>Graduandos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE.

E-mail para correspondência: argus@db.ufrpe.br

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar os relatos e descrições dos principais cronistas e naturalistas sobre o bicho-preguiça (*Bradypus variegatus* Schinz, 1825; *Xenarthra*; *Bradypodidae*) nos séculos XVI e XVII no Brasil. Foi realizado por meio de uma revisão de literatura dos capítulos referentes à sua descrição nas obras dos cronistas e naturalistas. Da fauna brasileira o animal foi um dos que mais chamou a atenção dos cronistas e naturalistas europeus. Conclui-se que, entre os relatos se destacam os de Gabriel Soares de Sousa e de Ambrósio Fernandes Brandão (no século XVI) e constata-se uma significativa diferença entre estes e as descrições produzidas pelos naturalistas Marcgrave e Piso durante a ocupação holandesa no Nordeste no século XVII. Entre estes se destaca a de Marcgrave, que se aproxima das atuais descrições zoológico-anatômicas do animal. A de Piso é uma cópia resumida de Marcgrave. Estas considerações históricas sobre o bicho-preguiça têm a intenção de contribuir nas ações de preservação da espécie.

**Palavras-chave:** preguiça comum; zoologia; história.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the reports and descriptions of the major chroniclers and naturalists about the sloth (*Bradypus variegatus* Schinz, 1825; *Xenarthra*; *Bradypodidae*) in the sixteenth and seventeenth centuries in Brazil and was accomplished through a literature review of the chapters relating to his description in the works of chroniclers and naturalists.. Of the Brazilian fauna the animal was one that most caught the attention of chroniclers and European naturalists. We conclude that among the reports stand out from Gabriel Soares de Sousa and Ambrósio Fernandes Brandão (sixteenth century) we see a

significant difference between these and the descriptions produced by naturalists Marcgrave and Piso during the Dutch occupation in the Northeast in the seventeenth century. Stands out among naturalists Marcgrave, that approximates the current descriptions of zoological-anatomicals of animal. Piso is an abridged copy of Marcgrave. These historical considerations about the sloth intend to contribute to the actions of specie conservation.

**Keywords:** common sloth, zoology, history.

## INTRODUÇÃO

A ordem Xenarthra Cope, 1889 constituída de tamanduás, preguiças e tatus recentemente foi desmembrada em duas ordens, Cingulata Illiger, 1811 e Pilosa Flower, 1883 (Gardner, 2007). Dentro da Ordem Xenarthra são incluídas duas famílias: Megalonychidae Gervais, 1855 e Bradypodidae Gray, 1821. Esta última possui quatro espécies do gênero *Bradypus* (Linnaeus, 1758). As preguiças surgiram na terra cerca de 35 milhões de anos atrás, no final do Eoceno e denominadas “aís” pelos povos indígenas, possuindo garras longas e recurvados sendo os membros anteriores mais longos que os posteriores (Nowak, 1999). É um animal folívoro, que se alimenta de folhas da parte mais alta do dossel das árvores é o maior vertebrado consumidor primário das florestas úmidas neotropicais (Montgomery, 1983).

As preguiças vivem apenas nas matas do continente americano e, apesar de todas as espécies de preguiças ocuparem o mesmo nicho ecológico, dificilmente se verifica a presença dos dois gêneros em uma mesma área. A ação do homem

sobre esses animais tem sido muito facilitada pela acelerada fragmentação e destruição das matas, o que leva as preguiças a se locomoverem pela superfície do solo em busca de sobrevivência (Montgomery, 1983).

A espécie mais comum é *Bradypus variegatus* Schinz, 1825, amplamente distribuída na América do Sul e Central. Vive aproximadamente 40 anos, tem a pelagem acinzentada, e no caso dos machos, apresentam uma mancha preta circundada de amarelo, na região dorsal. Têm mais ou menos 50 cm de tamanho, mas podem chegar a 1m. Alimentam-se das folhas da embaúba, figueira e ingazeira. Está distribuída no sul da Nicarágua e Honduras até o Equador, nordeste da Argentina e o Brasil, com exceção dos estados do Amapá, Paraná e Rio Grande do Sul, e ocorrem sobretudo no nordeste brasileiro devido à presença de temperaturas elevadas (Wetzel & Ávila-Pires, 1980).

Do ponto de vista histórico da fauna brasileira este animal era um dos que mais chamava a atenção dos cronistas e naturalistas europeus, existindo diversos registros escritos

na literatura histórica do Brasil colônia (Almeida, 2007).

Animais inofensivos que se constituem em presa fácil de predadores, os bichos-preguiças, embora não apreciados na alimentação humana, às vezes eram submetidos a cruéis perseguições e manipulações, como testemunham os relatos dos cronistas e naturalistas.

Os cronistas coloniais, do ponto de vista da História Natural, antecederam no Brasil a fase dos naturalistas profissionais com formação acadêmica, tais como Georg Marcgrave e Guilherme Piso. Não tendo formação e nem conhecimentos especializados sobre a natureza, grande parte deles era formada por missionários religiosos, senhores de engenho, militares, colonos ou aventureiros, com maior ou menor pretensão a historiadores, mas cronistas na acepção da palavra. Historicamente cumpriram o papel de informantes dos governos das metrópoles colonizadoras sobre os "produtos naturais" do Brasil. Muitos, vistos com olhar atual, eram ignorantes e preconceituosos; alguns poucos surpreendem-nos pela aguda capacidade de observação da natureza, como por exemplo, Gabriel Soares de Sousa na Bahia e Ambrósio Fernandes Brandão em Pernambuco e Paraíba (Almeida, 2007).

O objetivo do presente trabalho é analisar os relatos e descrições dos principais cronistas e naturalistas sobre o bicho-preguiça nos séculos XVI e XVII no Brasil.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho foi realizado por meio de uma revisão de literatura nos capítulos sobre o tema das obras dos principais cronistas coloniais e naturalistas do século XVI: Thévet, (1944, p.70), Gândavo, (1924, p.27), Léry (1998, p.18), Sousa (1938, p.257-258), e do século XVII: Brandão (1930, p.234), Salvador (1954, p.128), Marcgrave (1942, p.221-2360 e Piso (1957, p.321), analisando os relatos e descrições sobre o bicho-preguiça e sua biologia nas edições brasileiras das obras.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Relatos e descrições dos cronistas coloniais e naturalistas**

Os principais cronistas e naturalistas que relataram e descreveram sobre o bicho-preguiça no Brasil foram:

Do século XVI, o frade franciscano francês André de Thévet (1502-1590) que esteve no Rio de Janeiro de novembro de 1555 a janeiro de 1556, autor da obra "Les singularitez de la France Antarctique" (Paris, 1558); o historiador português Pero de Magalhães Gândavo (1540-1580) autor da obra "História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil", publicado em Lisboa em 1576; o pastor calvinista e escritor francês Jean de Léry (1534-1611), que esteve no Rio de Janeiro em 1556, autor da obra "Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil" de 1578; o senhor de engenho e cronista português

Gabriel Soares de Sousa (c.1540-1591) que viveu na Bahia entre os anos de 1565 e 1569, autor da obra "Tratado descritivo do Brasil" em 1587.

Do século XVII, o senhor de engenho e cronista cristão-novo Ambrósio Fernandes Brandão (c. 1560 - c. 1630) que nasceu em Portugal, viveu em Pernambuco e Paraíba entre os anos 1583 e 1618, não se conhecendo, exatamente, as datas do seu nascimento e morte, autor da obra "Diálogos das grandezas do Brasil" de 1618; o frade franciscano baiano Frei Vicente do Salvador (1564 — c. 1635) que viveu em Pernambuco, Paraíba e Bahia, autor da obra

"História do Brasil" de 1627; o naturalista alemão Georg Marcgrave (1610 – c.1644), que viveu no nordeste brasileiro entre 1637 a 1644 e autor (junto com Guilherme Piso) da obra "Historia naturalis Brasiliae" de 1648 (edição brasileira de 1942) e o médico e naturalista holandês Guilherme Piso (Willem Pies, 1611-1678), que também viveu no Nordeste brasileiro no mesmo período, autor da obra "De Indiae utriusque re naturali et medica" de 1658, cuja tradução brasileira é "História natural e médica da Índia Ocidental" de 1957. As observações dos cronistas estão sintetizadas na Tabela I.

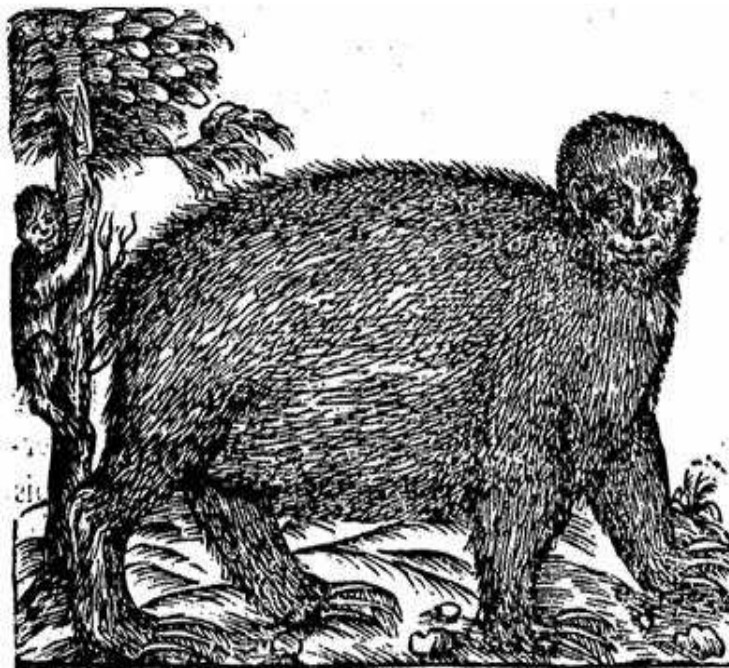


Figura 1: Gravura do bicho-preguiça na obra de Thévet (1558).

Tabela I: Características do bicho-preguiça relatadas pelos cronistas coloniais.

<i>Cronistas</i>	<i>Tamanho</i>	<i>Cara</i>	<i>Cor e pelagem</i>	<i>Membros</i>	<i>Comportamento</i>	<i>Alimento</i>
Thévet em 1558	mono africano adulto	de uma criança	sua pele é cinzenta e felpuda como a de um ursinho.	patas compridas, cada uma com quatro dedos, três dos quais com unhas parecendo grandes espinhas de carpa	quando preso, fica suspirando como uma criança que sente dores; trepa nas árvores onde fica por mais tempo do que em terra nunca se levantar em pé como os outros animais; e assim se move com passos tão vagarosos que ainda que ande quinze dias aturados, não vencerá distância de um tiro de pedra	pessoa alguma jamais viu este bicho se alimentando
Gândavo em 1576		rosto muito feio	gadelha grande no toitiço, que lhe cobre o pescoço	unhas muito compridas quase como dedos	embora seja muito feroz, no mato, facilmente se amansa	seu mantimento é folhas de árvores
Léry em 1578	cão d'água grande	rosto humano	pêlo pardo escuro como a lã do carneiro preto, pernas cabeludas como as do urso	unhas muito longas	não há fome, calma, frio, água, fogo nem outro nenhum perigo que veja diante, que o faça mover uma hora mais que outra.	jamais ninguém viu esse bicho comer, julgam muitos que ele vive de vento
Sousa em 1587	cão d'agua	como gato	felpudo de cor cinzenta gadelha lhe cobre os olhos	braços e pernas grandes, unhas como cão e muito voltadas	dotado por natureza de grande freima e preguiça, em tanto que, para haver de subir ou baixar de uma árvore, posto que pequena, gasta pelo menos dois dias de tempo por ser tão preguiçoso, e tardo em mover os pés e mãos, que para subir a uma árvore, ou andar um espaço de vinte palmos há mister meia hora, e posto que o aguilhoem, nem por isso foge mais depressa	árvores, de cujas folhas se mantêm
Brandão em 1618	cachorro	estranho rosto e feições	côr parda e preta	mãos e pés com dedos mui distintos e acompanhados de grandíssimas e agudas unhas		
Salvador em 1627						

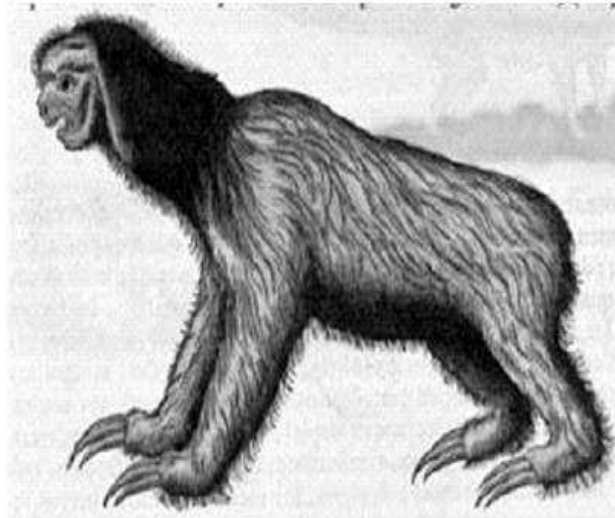


Figura 2: Gravura do "Ai" descrito por Marcgrave em 1648 (1942).

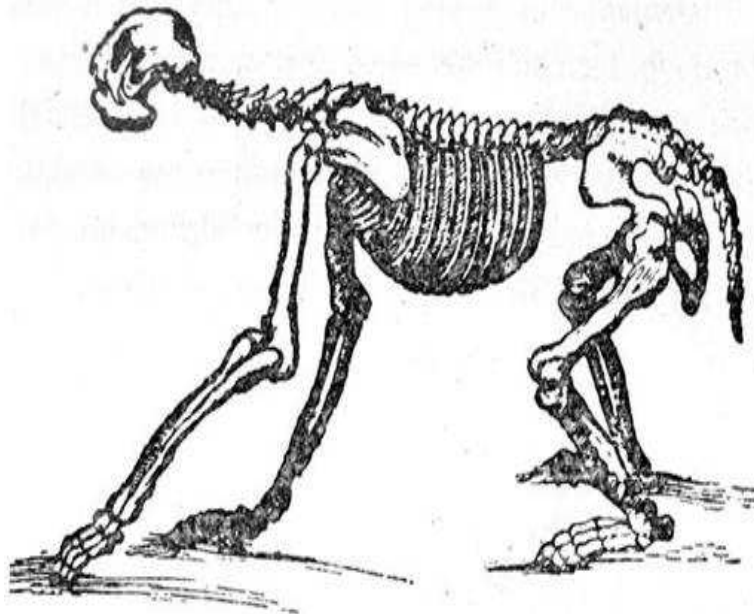


Figura 3: Esqueleto montado do bicho-preguiça da obra de Piso (1957)



Figura : 4: Figura do “ai menor rastejante “ da obra de Piso (1957).

Percebe-se a notável diferença existente entre os relatos dos cronistas e as descrições feitas pelos naturalistas Marcgrave e Piso, no que se refere principalmente à descrição da anatomia interna do animal e a quantificação das medidas, nunca feitas pelos cronistas.

Como pode ser constatado através da leitura dos seus relatos, as observações sobre o animal mais precisas e acuradas são as de Gabriel Soares de Sousa no século XVI e as de Ambrósio Fernandes Brandão no início do século XVII (Tabela I).

Chama atenção o curioso desenho da preguiça da obra de Thévet (Figura 1): no primeiro plano aparece a figura que pouco tem a ver com o animal, no segundo plano é representado o animal preso ao tronco de uma árvore, as duas figuras têm a cara humana; a primeira apresenta o animal apoiado em quatro patas, providas cada uma de três longas garras (Figura1).

No Brasil, o bicho-preguiça foi descrito pela primeira vez pelos naturalistas Marcgrave (em 1648) e Piso (em 1658) através de observações do animal em seu habitat natural e num espaço criado por trás do palácio de Friburgo no Recife, chamado “Gabinete do Conde”. Neste gabinete e no horto zoobotânico teria ocorrido a maior parte das observações de animais, sobretudo através de criação em cativeiro e dissecações praticadas pelos naturalistas.

Na obra de Piso (de 1658, edição brasileira de 1957) existem três gravuras do bicho-preguiça, a primeira é uma cópia de Marcgrave, a segunda é a figura de um exemplar que rasteja no solo (denominado pelo naturalista de “ai menor rastejante”) e a terceira é a do esqueleto montado do bicho-preguiça.

Pelo relato de Piso (1957), percebe-se que a vivisseção de uma fêmea do bicho-preguiça parece ter sido realizada por ambos os naturalistas, que fizeram a descrição da sua



anatomia interna e posteriormente montaram o seu esqueleto que foi enviado para o Museu Anatômico da Universidade de Leiden na Holanda. Desde essa época esse museu se constituía num importante centro de pesquisas científicas na Europa. Hoje todo o seu acervo encontra-se depositado no “Boerhaave Museum” da

Universidade de Leiden na Holanda. Interessante pesquisa seria tentar localizar na instituição o esqueleto montado do bicho-preguiça enviado por Piso no século XVII.

A tabela II apresenta uma síntese das descrições do bicho preguiça realizada pelos naturalistas, comparando-as com dados da literatura zoológico-anatômica atual.

Tabela II: Aspectos descritivos do bicho-preguiça feitos pelos naturalistas Marcgrave, Piso e da literatura atual

<b>Aspectos descritivos</b>	<b>Marcgrave em 1648</b>	<b>Piso em 1658</b>	<b>Literatura atual (Amorim et al., 2004).</b>
Denominações	aí (termo indígena), priguiza (português), lupaert em nossa língua	priguiza (lusitanos); aí (brasileiros)	preguiça, bicho-preguiça
Tamanho aproximado do corpo	de uma de nossas raposas medíocres	de um cão medíocre	De 50 a 70 centímetros
Pescoço (tamanho)	curto, do comprimento de 2 a 3 dedos	não citado	curto. 8 ou 9 vértebras em Bradipodidae; e 6, 7 ou ocasionalmente 8 em Megalonychidae
Pernas anteriores (tamanho)	7 dedos de comprimento, até os pés	eretos	mais longos que os posteriores
Pernas posteriores (tamanho)	6 dedos de comprimento	eretos	mais curtas que as anteriores
Unhas (quantidade)	3 em cada pé	proeminentes, 3 unhas proeminentes	3 em cada pé, ou 2 (membros anteriores) em Megalonychidae
Cor e forma dos dedos	amarela clara, e curvos para baixo		dedos presos e reduzidos com destaque para as unhas.
Cabeça	pequena, cerca de 3 dedos de comprimento e arredondada	hedionda	pequena e arredondada quando comparada com o restante do corpo.
Dentes	como os do cordeiro, não são grandes, nem agudos	não citado	maxila com 10 dentes e mandíbula 8, sem a presença de caninos ou incisivos verdadeiros sem informação.
Nariz	chato, elevado, preto	não citado	pequenos, podendo enxergar até cores
Olhos	pequenos pretos, sonolentos	não citado	sem informação
Boca	sempre cheia de saliva	não citado	curta e robusta, variando de 3 a 8 centímetros, e em Megalonychidae é ausente ou vestigial.
Cauda (comprimento)	do comprimento de dedo e meio, obtusa, com a figura de pão de açúcar	muito curta	podendo apresentar-se esverdeado quando na presença de algas simbiotes
Características dos pelos do corpo	prolixos, de 2 dedos de comprimento, de cor cinzenta, semelhantes aos do teixo, porém um pouco mais tenros, mesclado de branco	pelos longos e moles de cor cinzenta	pelos longos, com coloração do dourado ao cinza e marrom,
Habitat	pelas árvores sobe muito vagorosamente arrastando-se e aí reside	dorme tranquilo, dependurado no cume das árvores	arbóreas e descem raramente das árvores, apenas para defecar e urinar
Alimentação	folhas, e nunca bebe	Não bebe água e se alimenta das folhas das árvores	folhas da parte mais alta do dossel das árvores
Sonorização	rarissimamente o som iiiii, como um gatinho	não citado	assobios de chamados e vocalizações

Abdome	não é tão pendente, achava-se a matéria verde folhas de árvores comidas muito dura e resistente	pendente	sem informação
Pele		sólida e tenaz	grossa, resistente e intimamente ligada a musculatura.
Postura	não citada	nunca se põe de pé	postura ereta sobre um tripé, formado pelos membros posteriores e a cauda
Esqueleto	não citado	apresenta ossos fortes	modificações em articulações e ossos para auxiliar na alimentação e locomoção
Coração	2 aurículas notáveis e ocas	2 notáveis aurículas cavas	Veia cava posterior dupla
Placenta (descrição)	placenta uterina constatava de muitas partículas carnosas, como substância de rins, rubicundas, de variado tamanho, como favas; aquelas partículas carnosas (eram ligadas entre si por tênues membranas) traziam anexos, por muitas ramificações, vasos umbilicais. O feto achava-se encerrado no âmnio, como sucede com os demais animais, e continha cabelos, dentes, dentes, unhas, em suma, era perfeito. Os vasos umbilicais eram torcidos como corda como sucede com os demais animais.	placenta uterina compunha-se de muitas partículas carnosas como a matéria carnosa dos rins, vermelha, de tamanho vário, como favas; naquelas partículas carnosas (conexas por tênues membranas), por meio de muitos râmulos estavam insertos os vasos umbilicais, torcidos à maneira de corda. Continha um feto já todo perfeito, com pelos, unhas e dentes, incluso no âmnio como os outros animais.	placenta composta de lobos poligonais em numero de 18 a 80, ocupavam o cório de forma difusa na cavidade uterina. Com frações que separavam a massa placentária rodeada pelas membranas, com vasos que estabeleciam conexão com a massa principal do órgão. Outros lobos inteiramente isolados da massa principal, com vasos com ligação direta com o cordão umbilical. os lobos placentários esféricos semelhantes a ervilhas, ocupando a maior extensão do cório exceto na região cervical do útero. Estes lobos aglomeravam-se a aumentavam de tamanho dispondo-se em única massa localizada na região fúndica do útero. O cordão umbilical inseria-se na região dorsal do plano sagital mediano do útero, na região fúndica, marginal à placenta. Membranas fetais identificadas como cório, aplicado à superfície uterina de um lado e âmnio em outra face. Nenhum vestígio de um saco alantóide desenvolvido a de um saco vitelino evidente nestas fases de gestação. Classifica-se a placenta de preguiça como labiríntica, endotelial, múltipla, discoidal (a termo) e cório-amniótica.

A descrição de Piso (1957), em muitos trechos, parece ser uma cópia resumida de Marcgrave (1942), trazendo apenas como novidade as gravuras do exemplar rastejante e a do esqueleto montado do animal.

Marcgrave (1942) adota como unidade de medida de comprimento a largura dos dedos, relata que o pescoço da preguiça é curto e do comprimento de dois a três dedos, dificultando a sua compreensão. Piso não cita esta característica. Segundo Nowak (1999) ocorrem

diferenças entre a família Megalonychidae com seis vértebras cervicais ou ocasionalmente sete ou oito e a família Bradypodidae que apresenta oito ou nove vértebras cervicais. Sendo esta característica responsável pela grande flexibilidade de rotação apresentada pelas quatro espécies descritas até hoje, chegando até 270°.

Piso em sua obra não enuncia se o bicho-preguiça possui dentes. Marcgrave diz apenas que são como os do cordeiro, nem grandes, nem agudos. Medri *et al.* (2006) abordam a quantidade de dentes presentes, a maxila com dez e a mandíbula com oito, totalizando dezoito dentes, sem a presença de caninos e incisivos verdadeiros. Marcgrave (1942) relata que a boca desse animal apresenta-se sempre cheia de saliva; em estudos atuais não foi dada tanta relevância para esse fato.

Quanto à cauda, Piso (1957) é relata apenas que é muito curta. Marcgrave (1942) diz que o seu comprimento é de dedo e meio e também obtusa. Medri *et al.* (2006) consideram a cauda curta e que o seu comprimento varia de acordo com a espécie de 3 a 8 centímetros e na família Megalonychidae é ausente ou vestigial.

Marcgrave (1942) relata sobre a pelagem do corpo “...é coberto de uns cabelos prolixos, de dois dedos de comprimento, de cor cinzenta, semelhantes aos do teixo<sup>1</sup>, porém um pouco mais tenros e mesclados de branco. No dorso, os cabelos

são mais brancos e pelo seu meio corre uma linha fusca; a partir da cabeça, à maneira de juba, se desenvolvem pelo pescoço lateralmente uns cabelos mais longos do que no restante do corpo”, que pode ser considerada como uma descrição exata da pelagem do animal.

Quando comparado com Marcgrave (1942), Piso (1957) em sua descrição, dá uma informação muito pobre quanto a pelagem escrevendo apenas que os pelos são longos, moles e de cor cinzenta. Quando comparado com Medri *et al.* (2006) a descrição de Marcgrave (1942) mostra alguma semelhança. A espécie *B. torquatus* apresenta o dorso marrom acinzentado com uma grande mancha de pelos longos e pretos atrás do pescoço. Em *B. variegatus* os pelos são longos, grossos e ondulados com coloração que varia do marrom pálido ao amarelado, apresentando também manchas esbranquiçadas (Medri *et al.*, 2006).

Quanto à descrição da placenta do animal, chama atenção a semelhança da descrição de Marcgrave (1942) e Piso (1957) sobre os grãos em forma de “favas” com a descrição da literatura atual (Amorim *et al.*, 2004) dos lobos placentários na forma de “ervilhas” e na forma dos “vasos umbilicais” do hilo umbilical.

Sawaia (1942) fez os comentários zoológicos da edição brasileira da obra de Marcgrave, publicada em 1942 identificando o exemplar descrito pelos naturalistas como *Bradypus tridactylus* L. 1758 (Bradypodidae). Entretanto, esta preguiça-de-três-dedos hoje é

---

<sup>1</sup> Deve tratar-se do texugo, *Meles meles* L., 1758, pois sob a denominação de “teixo” é reconhecido um arbusto de folhas tóxicas da Europa.

encontrada na Guiana, Suriname, Guiana Francesa, e norte do Brasil (área do rio Solimões) denominada regionalmente como preguiça-debentinho (Medri *et al.*, 2006).

Cruz *et al.* (2002) e Amorim *et al.* (2004) registraram a ocorrência de *B. variegatus* na zona da mata norte pernambucana (Dois Irmãos (Recife), São Lourenço da Mata (Estação Ecológica do Tapacurá), Igarassu, Itapissuma e Itamaracá (área piloto da RBMA) e Carpina. A espécie tem sua distribuição geográfica a partir de Honduras, Colômbia, Equador, Venezuela, Peru, Bolívia, Paraguai, norte da Argentina e nas áreas da Mata Atlântica do Brasil (Amorim *et al.* 2004).

Quanto ao habitat e comportamento do animal, Marcgrave relata que este costuma subir vagarosamente pelas árvores, nestas residindo, sendo quase inapta para andar no chão, alimenta-se de folhas sem nunca beber água (Marcgrave, 1942). Em sua descrição, Piso repete estas características (Piso, 1957). As espécies de *Bradypus* alimentam-se de folhas, galhos macios e gemas laterais ou apicais de diversas espécies de plantas. São, em geral, solitárias e nadam muito bem, descendo raramente das árvores para urinar e defecar apenas uma ou duas vezes por semana, podendo se deslocar mais rapidamente quando pressionadas (Nowak, 1999).

Piso e Marcgrave (que é tratado no texto de Piso (1957) como seu assistente), abordam detalhadamente a vivisseção feita por ambos, destacam que a fêmea trazia um feto inteiramente perfeito

apresentando pêlos, unhas e dentes, e, incluso no âmnio como nos outros animais. A placenta uterina era composta de muitas partículas carnosas de tamanho variado, parecido com favas, sendo os vasos umbilicais torcidos como corda, assim como nos demais animais (Piso, 1957). O coração da fêmea conservava, depois de separado do corpo, um movimento fortíssimo por meia hora, contendo duas aurículas notáveis e ocas. E depois de extraídas as vísceras e o intestino, o animal ainda vivia por instantes e contraía os pés, como vivo costuma fazer quando se dispõe para dormir (Marcgrave, 1942). Atualmente diversas pesquisas são desenvolvidas quanto à morfologia interna e fisiologia do bicho-preguiça que podem ser consultadas mais aprofundadamente em Gilmore (2000) e Hayssen (2010).

O bicho-preguiça brasileiro não era desconhecido da História Natural quinhentista e seiscentista. Como testemunha a descrição do animal na obra de Clusius (Clusii, 1605) e também a interessante nota feita por Laet (1942) sobre o animal de que teria recebido e criado um exemplar vivo do Brasil, e que este não teria resistido. O próprio Laet o teria referenciado em suas obras. Comenta o desenho da obra de Thévet e da referência ao animal na obra do naturalista Conrad Gesner (1516-1565) que erradamente lhe deu o nome de "Artopiteco" confundindo-o com um macaco (Gesteira, 2008).

## CONCLUSÃO

O bicho-preguiça era um animal que chamava bastante atenção dos colonizadores do Brasil e dos naturalistas europeus. Existem registros da sua presença nas obras dos cronistas e naturalistas desde o século XVI.

Em geral, a percepção dos cronistas era a de um animal fantástico e estranho, com aparência humana e caracterizado por sua lentidão e mansidão. Como pode ser visto nos relatos, isto não os impediu de praticar diversos atos de crueldade para com o animal, que iam desde sua perseguição até as vivissecções realizadas pelos naturalistas do século XVII.

Pelos relatos dos cronistas pode-se perceber que se destacam os de Gabriel Soares de Sousa (século XVI na Bahia) e de Ambrósio Fernandes Brandão (do início do século XVII em Pernambuco e Paraíba), como os mais precisos e com maior quantidade de observações da biologia e comportamento do bicho-preguiça.

Existe uma significativa diferença entre os relatos dos cronistas e as descrições pré-lineanas do animal produzidas pelos naturalistas Marcgrave e Piso durante a ocupação holandesa no nordeste brasileiro no século XVII, que são mais sistemáticas e de cunho mais próximo aos cânones científicos emergentes no período.

Entre os dois naturalistas se destaca Marcgrave, cuja descrição não é muito distanciada das atuais descrições zoológicas do animal, principalmente a descrição anatômica da placenta do animal.

Entretanto, a de Piso parece ser uma cópia resumida de Marcgrave, acrescida da gravura do esqueleto montado do animal (Piso, 1957)

O bicho-preguiça descrito pelos naturalistas Marcgrave e Piso em Pernambuco, provavelmente trata-se de *B. variegatus*.

Estas considerações históricas sobre o bicho-preguiça têm a intenção de contribuir nas ações de preservação da espécie.

## REFERÊNCIAS

Almeida, A.V. 2007. Insetos brasileiros comentados pelos cronistas coloniais: séculos XVI e XVII. *Sitientibus Série Ciências Biológicas*, Feira de Santana, 7 (1): 113-124.

Amorim, A.L.M.J.A.; A.A Amorim Júnior; J.B. Messias; V.A Silva Júnior & M.K Berinson. 2004. Anatomical aspects of the placenta of the sloth *Bradypus variegatus*, Schinz, 1825. *International Journal Morphology*, Temuco, 22(1): 9-18,

Brandão, A.F. 1930. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial, 412p.

Clusii, C. *Exoticorum libri decem*. ex Officina Plantiniana Raphelengii, 1605, 242 p.

Cruz, M.A.M.; Cabral, M.C.C.; Silva, L.A.M. & Campêllo, M.L.C.B. 2002. Diversidade da mastofauna no Estado de Pernambuco. In: M. Tabarelli & J.M.C. Silva, (orgs.) *Diagnóstico da biodiversidade de Pernambuco*. Recife: Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio

Ambiente, Editora Massangana,, p.557-579.

Gesteira, H.M. 2008. Representações da natureza: mapas e gravuras produzidos durante o domínio neerlandês no Brasil (1624/1654). *Reveja do Instituto de Estudos Brasileiros* [online], São Paulo, n.46, pp. 165-178.

Hayssen, V. 2010. *Bradypus variegatus* (Pilosa: Bradypodidae). *Northampton, Mammalian Species*, 42 (850): 19-32.

Gândavo, P.M. 1924. *Tratado da terra do Brasil e história da província de Santa Cruz*. São Paulo, *Anuário do Brasil*, p.27.

Gardner, A.L. 2007. *Mammals of South America*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 567p.

Gilmore, D.P.; C.P Costa & D.P.F Duarte. 2000. An update on the physiology of two- and three-toed sloths. *Ribeirão Preto, Brazilian Journal of Medical and Biological Research*. 33: 129-146.

Laet J. 1942. Notas, p. 142-259. In: J. Marcgrave. *História natural do Brasil*. São Paulo: Museu Paulista- Imprensa Oficial do Estado.

Léry, J. 1998. *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo: Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, Caderno n.10, p.18.

Marcgrave, J. 1942. Livro VI – Dos quadrúpedes e serpentes. In: J. Marcgrave, *História natural do*

*Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado – Museu Paulista, p.221-236.

Medri, I.M.; G.M Mourão & F.H.G. Rodrigues, 2006. *Ordem Xenarthra*. In: Reis, N.R.et al.(orgs.) *Londrina, Mamíferos do Brasil*: p.228-250.

Montgomery, G.G. 1983. *Bradypus variegatus* (perezoso de tres dedos, three-toed sloth). In: D.H. Janzen, (ed.). *Costa Rican natural history*, Chicago, University of Chicago Press, p. 453–456.

Nowak, R.M. 1999. *Walker's mammals of the World*. v 1. 6 ed. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 455p.

Piso, G. 1957. *História natural e médica da Índia Ocidental*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, p.321.

Salvador, V. 1954. *História do Brasil (1500-1627)*. 4a ed. São Paulo, Edições Melhoramentos, p.128.

Sawaya, P. 1942. *Comentários*. In: Marcgrave, J. *História natural do Brasil*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado – Museu Paulista, p.LXXVIII-LXXXVIII.

Sousa, G.S. 1938. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 3a ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, p.257-258.

Thévet A. 1944. *Singularidades da França Antártica: a que outros chamam de América*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, p.70.

Wetzel, RM. & R.D. Ávila-pPres, 1980. Identification and distribution of the Recent sloths of Brazil (Edentata). *Revista Brasileira de Biologia*, São Carlos, 40: 831–836.